

BOLETIM

PET CONSERVAÇÃO E RESTAURO

JUDITH BACCI
UMA ESCULTORA DE RAIZ

RESENHA CRÍTICA DO LIVRO
"ARTEMISIA GENTILESCHI:
TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA E
REPRESENTAÇÃO DO FEMININO"

AS VILLAS
RESIDENCIAIS NA
CIDADE DE PELOTAS
UMA NOVA FORMA DE EDIFICAR
NO INÍCIO DO SÉCULO XX

A PINTURA MAIS
DESEJADA DO MUNDO

vol. XV - 2022



EDIÇÃO Frederico Sampaio Alves
REVISÃO PET Conservação e Restauro
ARTE Frederico Sampaio Alves
Vetor floral criado por macrovector
- www.freepik.com
Ornamento barroco por Olena Panasovska
-www.nounproject.com

PET Conservação e Restauro

R. Almirante Barroso 1202, sala 312
Campus II – ICH • Pelotas/RS CEP 96.010-280

DIGITAL

<https://wp.ufpel.edu.br/crbensmoveis>
<https://conservacaoerestauoro.wixsite.com/pet-cr>
<https://facebook.com/petconservacaoerestauorufpel>

CONTATO

petconservacaoerestauoro@gmail.com

PETIANOS

Ana Carolina Fernandes da Silva
Anna Luísa Ortega
Antônio Ramos de Santana Neto
Clara Ribeiro do Vale
Clarissa Martins Neutzling
Frederico Sampaio Alves
Helena Braga Farhat
Hugo Luiz Barreto da Silva
Katya de Lara Felício Lira
Letícia Quintana Lopes
Lupehuara Zevallos
Marcio Fraga Damaceno
Maria Hiasmim Barbosa Araújo
Renata Almeida Teles

TUTORA

Prof^ª. Dr^ª. Daniele Baltz da Fonseca

EXPEDIENTE

O BOLETIM PET Conservação e Restauro é uma publicação semestral do Grupo de Educação Tutorial do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas. Objetiva ser um veículo de ações do grupo, voltadas para o fomento das experiências acadêmicas no campo do Patrimônio Cultural e para a divulgação da profissão do Conservador-Restaurador. São autores das edições, integrantes do grupo e convidados. Textos de outros autores poderão ser publicados se estiverem de acordo com o escopo da publicação. Propostas de colaboradores podem ser enviadas para o e-mail do grupo (petconservacaoerestauoro@gmail.com).

EDITORIAL

Na capa da edição deste boletim homenageamos a semana de arte moderna de 1922, que completa 100 anos. Entre os dias 13 e 17 de fevereiro de 1922 chegava aos olhos do público um cartaz chamando espectadores para a exposição da produção artística da vanguarda brasileira. O cartaz foi desenhado por Emiliano Di Cavalcanti, mostrando uma vegetação associada a uma tipografia de forte inspiração do vernacular anunciando o nome da exposição. A estética e o imaginário do modernismo brasileiro influenciaram movimentos como o Antropofágico no final da década de 20 e o Tropicalismo na década de 60. Além da reinterpretação do cartaz, também foram retratados o Grupo dos Cinco: Anita Malfatti, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral.

Na décima quinta edição do Boletim PET CR apresentamos duas matérias sobre mulheres artistas do Brasil, Leticia Quintana e Antonio Ramos, respectivamente, escreveram resenhas sobre leituras contemplando Artemisia Gentileschi e Judith Bacci. Clara Ribeiro e Maria Hiasmim trazem uma matéria sobre uma pesquisa em busca de produzir o que seria a “pintura mais desejada”. Clarissa Neutzling e a colaboradora Carina Farias assinam um texto sobre as Villas residenciais pelotenses no início do século XX. Por fim, apresentamos um poema do colaborador Pedro Tonim.

No mês de Abril recebemos novos petianos, através de um processo de seleção adaptado ao período pandêmico: Anna Luísa Ortega, Antônio Ramos e Márcio Fraga, desejamos-lhes boas vindas.

Boa leitura!

Frederico Sampaio Alves



SUMÁRIO

RESENHA CRÍTICA DO LIVRO "ARTEMISIA GENTILESCHI: TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA E REPRESENTAÇÃO DO FEMININO (1593-1654)" DA AUTORA CRISTINE TEDESCO

04

JUDITH BACCI, UMA ESCULTORA DE RAIZ

07

AS VILLAS RESIDENCIAIS NA CIDADE DE PELOTAS/RS: UMA NOVA FORMA DE EDIFICAR NO INÍCIO DO SÉCULO XX

10

A PINTURA MAIS DESEJADA DO MUNDO

15

QUARTO

18



ARTEMISIA GENTILESCHI:

TRAJETÓRIA BIOGRÁFICA E REPRESENTAÇÃO DO FEMININO (1593-1654)

RESENHA CRÍTICA DO LIVRO DA AUTORA CRISTINE TEDESCO

LETÍCIA QUINTANA LOPES

Tedesco é doutora em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo passado 12 meses na Università Ca' Foscari de Veneza, mestra em História pela Universidade Federal de Pelotas e licenciada em História pela Universidade de Caxias do Sul. A autora, enquanto professora de História da Arte, realiza cursos referentes à atuação das mulheres no cenário artístico, também desenvolve projetos culturais e curadoria de arte. Seus estudos estão centrados no protagonismo feminino nas artes no período entre os séculos XVI e XVII, na península italiana, em especial, a vida e a obra da pintora Artemisia Gentileschi (1593-1654).

No livro *Artemisia Gentileschi: trajetória biográfica e representação do feminino (1593-1654)*, a autora busca apresentar a trajetória da pintora italiana Artemisia Gentileschi (1593-1654), filha do pintor maneirista Orazio Gentileschi (1563-1639). Usando como base documentos que a autora teve contato em sua estadia na Itália, como: certidões, recibos de pagamento, cartas, processo-crime, dentre tantas outras fontes escritas. O livro organiza-se em quatro capítulos e conta com 74 imagens, entre elas podemos ver retratos, gravuras e pinturas.

Primeiramente, a autora apresenta o capítulo intitulado “Artemisia Gentileschi e outras artistas de seu tempo” nele começamos a ter contato com a vasta produção da pintora, que

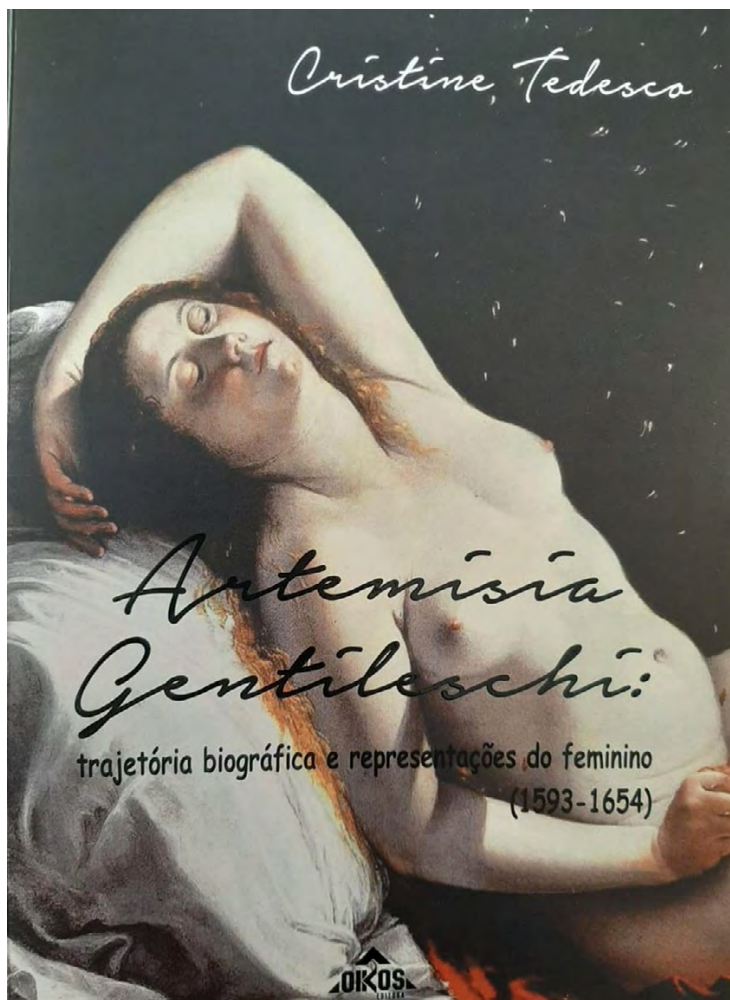


Figura 01 – Capa do livro *Artemisia Gentileschi: trajetória biográfica e representações do feminino (1593-1654)*

[...] explorou temas bíblicos, históricos, mitológicos, retratos e autorretratos a partir de uma perspectiva inovadora. A artista apresentou heroínas, matronas, santas e rainhas em ambientes onde as paisagens e ambientações naturais foram substituídas pelo aumento da dimensão dos corpos, aliado às sombras intensas com pequenas réstias de luz natural (TEDESCO, 2020, p. 62).

Enquanto caminhamos pela história de Artemísia a autora nos apresenta algumas artistas que atuaram entre os séculos XVI e XVII, como: Properzia de Rossi (1490-1530), Plautilla Nelli (1524-1588), Sofonisba Anguissola (1532-1625), Elisabetta Sirani (1638-1665), Lavínia Fontana (1552-1614), etc.

O capítulo seguinte, que leva o nome de “Construções de si em fontes judiciais e correspondências”, tem por objetivo a construção da biografia de Artemísia através de fontes judiciais, certidões de batismo, certidões de casamento, recibos e correspondências trocadas com a pintora. A autora nos traz também o processo-crime referente a um estupro sofrido por Gentileschi, em 1611, cometido pelo também pintor Agostino Tassi (1578 - 1644), vemos os detalhes tétricos do decorrer do processo que incluiu exames ginecológicos e tortura.

Já o terceiro capítulo “Entre Norte e o sul da península italiana: Artemísia em Veneza e Nápoles” traz a narrativa da passagem de Artemísia por estas cidades, onde a autora apresenta correspondências e produções feitas pela pintora para o vice-reino espanhol, seus títulos de honra ganhos e poemas dedicados a ela por literatos de Nápoles, o que corrobora para entendermos a importância de seu trabalho, seu reconhecimento internacional e sua influência sobre as artistas napolitanas.

Em “Entre o visual e o social: construções e representações do feminino em Artemísia”, o quarto e último capítulo, a autora conclui com uma análise a construção e representação do feminino por Artemísia, entrando na questão de analisar seu primeiro e seu segundo período em Roma, seu período em Florença e ainda analisando a alegoria da pintura e seus autorretratos. É nesse capítulo que temos uma descrição da capa do livro, uma pintura de óleo sobre cobre, que Gentileschi finalizou ainda em sua estadia em Roma. Nela vemos a representação mitológica de quando Danae fica grávida de Zeus, gerando assim Perseu. Zeus é representado pela chuva dourada que cai sobre o corpo nu de Danae.

Na imagem vemos a mão direita de Danae apertando algumas das moedas que caem sobre seu corpo, não há passividade por parte dela. “A imagem, enquanto rastro visual do tempo, traz em si mesma o testemunho das interpretações dos textos clássicos realizadas por Artemísia, concebendo imagens que não reduzem o corpo feminino a objeto erótico, mas que o evocam em performances que superam a passividade e exploram a agência e a potência do feminino” (p. 210).



Figura 02 – Danae, óleo sobre cobre, 1612, autoria de Artemisia Gentileschi.

O livro de Cristine Tedesco é indicado para todos aqueles com interesse por história, história da arte e das mulheres. O apagamento que mulheres artistas sofreram durante a história da arte resulta em pouco material sobre elas, ainda mais em português. Tedesco pesquisou Gentileschi por 10 anos e nos presenteou com uma leitura cativante, com uma rica seleção de obras e relatos, contribuindo para entendermos um pouco sobre todo o processo de esquecimento que, não só Artemísia, mas vários outros artistas naquele período sofreram.

Referências:

TEDESCO, Cristine. **Artemisia Gentileschi: trajetória biográfica e representação do feminino (1593-1654)** - São Leopoldo: Oikos, 2020..

Referência de Imagem:

Saint Louis Art Museum. **Danaë**. Disponível em: <https://www.slam.org/collection/objects/15612/>. Acesso em: 25 mai. 2022

JUDITH BACCI, UMA ESCULTORA DE RAIZ

RESENHA CRÍTICA DA DISSERTAÇÃO DE LETÍCIA ALVES PEREIRA

ANTÔNIO RAMOS DE SANTANA NETO

Este texto visa analisar a dissertação de Mestrado defendida por Leticia Alves Pereira, na qual a autora discorre sobre a vida e obra da artista plástica autodidata, pelotense Judith Bacci. Vale ressaltar que se trata de uma análise parcial sobre os elementos pré-textuais e pós-textuais, destacando apenas aspectos relevantes do resumo, da introdução e da conclusão, deixando para uma outra oportunidade a crítica completa do texto.

A pesquisa de Pereira foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas e defendida no ano de 2018; teve a orientação de Prof^o Dr. Fábio Vergara Cerqueira. A banca examinadora teve participação do Prof^o Dr. Carlos Alberto Ávila Santos (UFPel) e da Prof^a. Dr^a. Maria Helena Sant'Ana (UFPel).

A base teórica utilizada pela autora teve os estudos sobre iconografia e iconologia de Erwin Panofsky. Os trabalhos das professoras Eliane Nunes, de 2005, e Úrsula Silva, de 2011, que estudaram a obra umbandista de Judith Bacci, foram motivadores, para o interesse da autora pela artista. Nessa pesquisa, Pereira faz uma análise material e simbólica das esculturas de arte sacra da Umbanda produzidas por Bacci, tais como: esculturas de Orixás, pretas-velhas, baianas, máscaras egípcias e chinesas.



Figura 01 – “Mãe preta amamentando menino branco”. Judith Bacci, 1988

Para discussão em torno da religiosidade afro-brasileira, a autora utilizou como fontes primárias os trabalhos de Alexandre Cumino (2015), Lurdes Vieira (2015) e Marcelo Moraes (2014). As fontes bibliográficas utilizadas foram os estudos de Maria Helena Concone (1987), Pierre Verger (1999), Jacques Le Goff (1996), Pedro Paulo Funari (2006) e Ulpiano Meneses (1992).

Pereira, em seus estudos, contempla aspectos da memória social, patrimônio cultural e da história local de Pelotas. Para, além de engrandecer essa artista pelotense, que deveria ser mais divulgada e celebrada em todo o Brasil, a pesquisadora tem como objetivo entender “aspectos da identidade umbandista na cidade a partir da análise das obras produzidas entre 1960 a 1985 pela escultora.” (PEREIRA, p.15, 2018).

Com as análises da obra de Bacci, as estruturas sociais e de poder são problematizadas e entendidas como:

Hierarquização de bens patrimoniais, o branqueamento de figuras africanas, os conflitos memoriais, o sincretismo e o hibridismo cultural. Tópicos relevantes, pois se observa que os objetos que servem como exemplares de patrimônio não são escolhidos de forma neutra, já que os critérios de seleção e descarte buscam a manutenção de poder, destacando uma cultura em detrimento de outra (PEREIRA, p.8, 2018).

O trabalho de Letícia Pereira é único no Instituto de Ciências Humanas da UFPEL, pois é representativo para os sujeitos que foram e são relegados ao esquecimento pela academia. De forma competente, ela traz para as rodas de estudos das áreas das ciências humanas, uma análise da cultura a partir de uma artista, mulher cisgênero e afrobrasileira. No processo de escolha da dissertação a ser estudada, foram encontrados sete trabalhos abordando tema afro-brasileiro, e um estudo sobre a escravidão de africanos na Argentina, os afroargentinos, com o tema: “*De Lugares y Objetos*” *La diáspora africana en la ciudad de San Miguel de Tucumán, Norte de Argentina*, de Luciana Chavez defendida em 2017.

A pesquisa foi feita utilizando jornais da época, análises fotográficas, entrevistas com contemporâneos da artista, tais como familiares, alunos, colegas de trabalho, funcionários e adeptos da Umbanda.

Segundo a autora Letícia Pereira (2018, p.165):

Para uns, o fato de Judith ser autodidata era um fator que delimitava sua arte; para outros, artista sem nenhum porém em relação ao seu talento. Este fator sobre o conhecimento leigo ou científico pesava na avaliação da obra da artista. Aliado a isso, o fato da artista ser mulher, negra e zeladora na EBA também contribuiu para a formação de uma memória que a desfavorecesse, visto discriminação de gênero, raça e classe social presentes na época.

As referências bibliográficas foram agrupadas em cinco categorias são elas: Judith Bacci (referências que tratava diretamente da vida da autora); Umbanda (trabalhos que discutem a religiosidade umbandista no Brasil e em Pelotas); Patrimônio (discussões sobre patrimônio material e imaterial); Iconografia (textos que fundamentaram as análises iconográficas e iconológicas das obras da artista) e outras (os textos que não consegui ter certeza que se encaixam nas categorias antes citadas e que traziam discussões secundárias na dissertação, tais como história da arte no Brasil, discussões pós-coloniais, branquitude e branqueamento. Esses dados podem ser conferidos no gráfico abaixo:

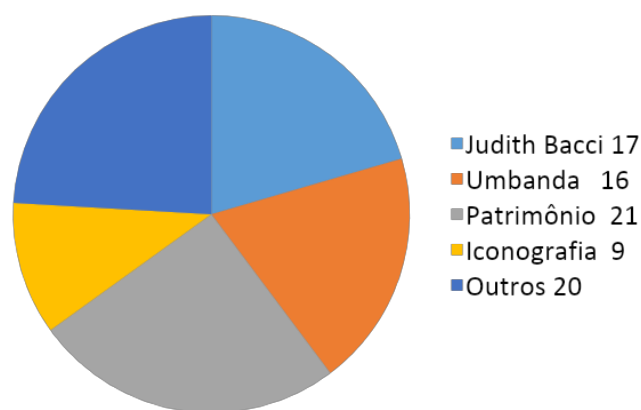


Gráfico I: Referências bibliográficas.
Autoria própria.

A dissertação está dividida em três capítulos além da INTRODUÇÃO e CONCLUSÃO, a autora assim considera, capítulo um HERANÇA CULTURAL PELOTENSE, onde vai discutir a cultura da cidade de Pelotas e nos subtítulos apresentar e problematizar a vida pessoal e profissional de Judith Bacci; no segundo capítulo intitulado: A ARTE UMBANDISTA DE JUDITH BACCI, encontramos as reflexões sobre a religiosidade umbandista da artista e dos povos de santos de Pelotas. No terceiro capítulo: IDENTIDADE CULTURAL E RELIGIOSIDADE: da espiritualidade à materialidade a autora aprofunda as discussões sobre o patrimônio cultural pelotense a partir das análises da espiritualidade e materialidade do culto umbandista. Em todos os temas abordados na dissertação a obra e vida de Judith Bacci é um fio condutor para o aprofundamento dos assuntos abordados, fazendo com que a escrita e fluidez do texto seja prazerosa.

Ao analisarmos a bibliografia, as fontes primárias, secundárias e as estratégias de pesquisa, encontramos um rico material, que serve para auxiliar em futuras investigações, sobre os temas abordados por Letícia Pereira. Por fim, na conclusão, a autora retoma discussões sobre valorização da cultura afro-brasileira, reconhece a importância cultural da vida e obra de Judith Bacci para a Comunidade de Santo e para toda sociedade pelotense. Ainda afirma a importância da escultura para a História do Centro de Artes da UFPel.

Referências:

PEREIRA, Letícia Alves. **A identidade representada, da espiritualidade à materialidade (Pelotas-RS): a arte umbandista de Judith Bacci** Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/5466>

Referência de Imagem:

Acervo UFPEL (MALG), Daniel Moura. **Mãe preta amamentando menino branco**. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/malg/ciclos-fins-e-recomecos/mae-preta-amamentando-menino-branco/> . Acesso em: 23 junho 2022

AS VILLAS RESIDENCIAIS NA CIDADE DE PELOTAS/RS: UMA NOVA FORMA DE EDIFICAR NO INÍCIO DO SÉCULO XX

CARINA FARIAS FERREIRA E CLARISSA MARTINS NEUTZLING



INTRODUÇÃO

As transformações urbanísticas na virada do séc. XIX para o séc. XX mudaram a forma de viver o espaço urbano, e o modo de construir e habitar as edificações. Rompendo com o padrão adotado no período de consolidação do eletismo historicista pelotense, tem-se, segundo Santos (2014), as villas residenciais urbanas, características dos anos 1900 – 1930 e encomendadas por proprietários das fábricas instaladas na cidade e arredores.

Essas residências, ainda de acordo com o autor, foram construídas afastadas do núcleo central urbano, visto que esse já se encontrava ocupado por prédios comerciais, edifícios públicos e palacetes assobradados. Esse distanciamento favoreceu a construção das villas em grandes lotes e com vasto ajardinamento, estando articulada com as ideias de salubridade da urbe (centro urbano) através da arborização, e pela busca da iluminação e aeração natural das residências, vinda desse pensamento sanitizador iniciado no final do século XIX e tendo Paris como a primeira cidade a ter um projeto moderno. Além disso, trazia, também, a estética idealizada das villas europeias e das casas de campo e veraneio Brasil afora (SANTOS, 2014).

Silva, et.al (2021) relatam que a popularização desse novo tipo de moradia deu origem a uma versão acessível dessas edificações, chamadas casas de catálogo, cujo nome se dá em função da semelhança desses exemplares com catálogos construtivos que circulavam na época. Possuíam menor porte que as villas, apresentando a mesma conformação tipológica e decorativa, com recuos frontais, de fundos e um ou dois recuos laterais.

As villas residenciais tem sua tipologia caracterizada principalmente por sobrados edificadas em meio ao jardim influenciado pelo romântico e pitoresco. De acordo com Santos (2014), o térreo era dividido em áreas sociais e de serviço, enquanto no superior ficavam os quartos e banheiros. Como eram construídas no centro dos lotes, possuíam 4 fachadas voltadas para os jardins, para que fossem apreciadas por quem andasse ao seu redor. Eram organizadas, porém, de forma a velar a fachada voltada à área de serviço, sendo essa menos ornamentada. As demais apresentavam escolhas diferenciadas das composições tripartidas e simétricas, anteriormente adotadas.

Santos (2002) relata que a composição ornamental das villas residenciais era realizada de acordo com a origem de seus proprietários, visto que a denominada nova “elite” pelotense era formada basicamente por imigrantes ou seus descendentes. Assim, segundo o autor, eram resgatadas, através de suas residências, as memórias, a identidade e a atmosfera de sua terra natal. Como exemplo de referências, tem-se o uso de telhados aquilinos cobertos com telhas de ardósia, típicos de países que nevam, as decorações inspiradas no maneirismo italiano, e nas arquiteturas românica e góticas francesas e germânicas.

AS VILLAS RESIDENCIAIS E SUAS CARACTERÍSTICAS CONSTRUTIVAS

Como soluções decorativas e construtivas cita-se o jogo volumétrico das edificações com saliências e reentrâncias, seus telhados pontiagudos com vários recortes e águas furtadas, e a presença de torres, mansardas, óculos, janelas curvas, balcões, alpendres e terraços. Além do emprego de materiais brutos e aparentes como o vigamento de madeira, a pedra e o tijolo (SANTOS, 2014). Dessa forma, tinham-se construções assimétricas e complexas, que garantiam, porém, um clima pitoresco, conforme evidenciado na Villa Residencial de Bruno Mendonça de Lima construída em 1926-1927 pelo arquiteto francês Júlio Delano e ilustrada na figura 01.



Figura 01 – Villa Residencial de Bruno Mendonça de Lima. Fonte: autoria própria.

Como exemplo dessas residências, tem-se a Villa Eulália (Figura 02), particularizada pelo seu romantismo inglês, que segundo Santos (2014) foi encomendada ao arquiteto Theóphilo Borges de Barros (responsável pelo projeto do Grande Hotel) para uso do administrador do Frigorífico Anglo. Com teto aquilino, possui calhas metálicas que se estendem pelas superfícies das paredes às canalizações de águas pluviais, e beirais salientes sustentados por cachorros de madeira, trabalhados em curvas e volutas.



Figura 02 – Villa Eulália. Fonte: autoria própria.

A Villa Laura (Figura 03), por sua vez, foi edificada para a residência da família do alemão Frederico Carlos Lang, proprietário da Fábrica Lang. Santos (2014) cita como peculiaridades arquitetônicas da edificação, as falsas armações de madeira executadas em estucaria remetendo à técnica do enxaimel e telhado coberto com telhas francesas, pontiagudos e recortados em múltiplas águas. Possui, também, assim como outras villas residenciais construídas na cidade, janelas em arcos, blocos salientes que abrigam as esquadrias, e torreões erguidos nos ângulos das caixas murais.



Figura 03 – Villa Laura. Fonte: autoria própria.

Já com grande influência da arquitetura italiana Maneirista e Neoclássica, cita-se a Villa Augusta, ou Palacete Ritter (Figura 04). Essa edificação, de acordo com Santos (2002), tem sua construção datada entre 1909 e 1913, sendo realizada para moradia de Carlos Ritter, proprietário da Cervejaria Ritter. Ainda segundo o autor, devido a paixão do proprietário, por botânica, o sobrado localizava-se em meio a um gigantesco jardim romântico, que durante os verões era aberto para o público. A fachada principal, tripartida e simétrica, tem como destaque a imponência do pórtico de entrada, composto por quatro colunas com influência palladiana e capitéis compósitos. E as demais aberturas, do andar superior, são arrematadas por frontões recortados em curvas, contracurvas e volutas, sendo ornados com cartelas ou rocalhas (SANTOS, 2002).



Figura 04 – Villa Augusta. Fonte: UFPEL (s.d).

Outros dois exemplos com composição diferenciada das demais e com inspiração no período medieval e nas arquiteturas Românica e Gótica são o Castelo da XV e o Castelo Simões Lopes. O primeiro, ilustrado na Figura 05, foi construído para Antônio Vidal, possuindo uma alta torre, balcões e teto pontiagudo com lucarnas, abertura feita em telhados para iluminar e arejar o sótão (SANTOS, 2002). Já o segundo, Figura 06, executado em 1922 para moradia de Augusto Simões Lopes, de acordo com Santos (2002) teve projeto do arquiteto alemão Fernando Rullman com alterações elaboradas pelo proprietário ao longo da construção. Como elementos arquitetônicos, o autor cita os torreões, balcões e muralhas com ameias, parapeito dos castelos que permite o lançamento de projéteis.



Figura 05 – Castelo da XV. Fonte: autoria própria.



Figura 06 – Castelo Simões Lopes. Fonte: e-cult.

CONSIDERAÇÕES

As villas, hoje, possuem um significado para a cidade muito além do que somente a sua função de uso, mas também de uma representação histórica, arquitetônica e social. Essas edificações carregam em suas composições uma data, as três primeiras décadas do século XX; uma composição espacial, como a centralização no lote e o paisagismo; as referências construtivas vindas de diferentes localizações da Europa, como, por exemplo, o processo de higienização de Paris, no final do século XIX e o contexto sociocultural das famílias originárias, como suas descendências, profissões e seu status social.

A evolução da linguagem arquitetônica não é feita através de quebras bruscas de decisões, mas sim com a substituição lenta e gradual da estética relacionada ao seu meio ambiente e isso acontece com a transição do ecletismo para as vilas residenciais. As decisões formais dessas casas se utilizam das mesmas soluções do estilo arquitetônico eclético, como a captação de leituras externas para a composição das fachadas, contudo a maior quebra está no “jogo” volumétrico, muito sensível no ecletismo arquitetônico. A diferença de ornamentação também é um ponto significativo já que nas vilas a decoração é sutil ficando responsável por elementos construtivos e não estilísticos.

Através disso, é perceptível que Pelotas, bastante conhecida pelas edificações ecléticas, possui um arsenal bastante vasto de residências em outros estilos arquitetônicos. De forma figurada, pode-se caracterizar a cidade como uma representante de diferentes tipos de construções, cada uma com seu estilo próprio compatível com suas leituras decorativas, linhas temporais e espacialidades. As ruas da cidade podem ser lidas como um catálogo arquitetônico com diversas construções resistindo à passagem do tempo e contando suas histórias.

Referências:

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo em Pelotas: 1870 - 1931**. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2014.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Espelho, máscaras, vitrines: estudo iconológico de fachadas arquitetônicas. Pelotas, 1870 - 1930**. Pelotas: EDUCAT - Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2002.

SILVA, V. de F. B.; SILVEIRA, A. M. da; PEREIRA, F. F. **Villas e Casas de Catálogo no sítio do Primeiro Loteamento de Pelotas-RS: relações entre tipologia arquitetônica e morfologia urbana**. Revista de Morfologia Urbana, [S. l.], v. 9, n. 1, p. e00181, 2021.

UFPEL. **Prédios contam as histórias**. [s.d]. Disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/45anos/predioscontamhistoria/>. Acessado em 24.mai.2022.

Referência de Imagem:

E-CULT, Deco Rodrigues. **Castelo Simões Lopes será tombado pelo Estado**. Disponível em: <http://ecult.com.br/geral/castelo-simoes-lopes-sera-tombado-pelo-estado>. Acesso em: 25 mai. 2022

A PINTURA MAIS DESEJADA DO MUNDO

CLARA RIBEIRO DO VALE TEIXEIRA E MARIA HIASMIN BARBOSA ARAÚJO

Em dezembro de 1993, os artistas conceituais, pintores e escultores russos Vitaly Komar e Alexander Melamid realizaram uma pesquisa, através de uma firma especializada no assunto, que perguntava uma série de questões relacionadas à arte para centenas de estadunidenses.

“Qual sua cor preferida?”, “Você prefere pinturas de paisagens ou aquelas que retratam interiores?”, “Você prefere cores mescladas ou bem delimitadas?”, “Você prefere formas angulosas ou arredondadas”, e diversas outras...

A inspiração para esse trabalho foi a política e o mundo empresarial. Afinal, se a política e o mercado regem o mundo com base em estatísticas que visam alcançar uma escolha democrática, porque a arte não pode fazer o mesmo?

A partir das respostas colhidas eles desenvolveram uma pintura com as respostas que mais agradavam a todos e resultado foi esse:



Figura 01 – The People Choice's ou America's Most Wanted. Tradução livre: “A Escolha das Pessoas” ou “A Mais Desejada da America”, 1994, fotografia de D. James Dee, cortesia dos artistas e da Ronad Feld Gallery, New York, USA, para o site Artsy.

Uma paisagem a céu aberto, com bastante azul, uma família passando, um hipopótamo e dois alces ao fundo e sim... George Washington, primeiro presidente dos Estados Unidos, parado de forma solitária e um tanto constrangedora em meio a composição. A Escolha Das Pessoas.

Eles também criaram uma pintura com todas as respostas mais negativas, com o objetivo de obter “a obra menos desejada pelas pessoas”. A composição são cores vibrantes e abstratas, com uma vinheta bastante escura e marcada.

Eles expuseram esse trabalho, em 1994, em Manhattan, onde foram comissionados a expandir seu projeto. Dessa vez, puderam recolher informação de participantes em 13 outros países. A China, por exemplo, também preferia paisagens a céu aberto com uma quantidade excessiva de azul, o Quênia optou por temas religiosos, a Rússia escolheu uma paisagem com ursos, a Polônia foi o único país que preferiu abstração.



Figura 02 – “America ‘s Most Unwanted”. Tradução livre: “A Menos Desejada da America”, 1994, fotografia de D. James Dee, cortesia dos artistas e da Ronad Feld Gallery, New York, USA, para o site Artsy.



Figura 03 – “The People’s Choice” ou “The China’s Choice”. Tradução livre: “A Escolha das Pessoas” ou “A Escolha da China”, foto da Instalação. Museum of Art and History at the McPherson Center, USA, Santa Cruz, 2001

A produção não se limitou só às pinturas, eles também produziram, com a ajuda de músicos muito talentosos, como Dave Soldier e Nina Mankin, criaram um álbum com o nome “A Escolha das Pessoas” (original : “The People’s Choice”), que possuía apenas duas faixas: A Música Mais Desejada e a Música Menos Desejada (original: The Most Wanted Song, The Most Unwanted Song). A música mais desejada era de cinco minutos, com violão, piano, baixo, bateria, violoncelo e violino, que acompanhavam um cantor e uma cantora em um ritmo de pop rock, sem mudanças bruscas. Já a música menos desejada consiste em um arranjo de acordeon, banjo, gaita de fole, flauta, tuba, harpa e órgão, que acompanham cantores de ópera que fazem rap, algumas propagandas de marcas famosas como Walmart, slogans políticos e crianças. Para os curiosos e corajosos, ambos estão disponíveis no youtube, basta procurar pelo título das canções.

Quando essas músicas foram tocadas em um clube ambas foram apreciadas pelas pessoas que estavam dançando, mesmo a música que supostamente deveria ser a mais odiada.

A Obra é um comentário sobre como perguntas podem significar coisas diferentes para cada pessoa e que gostos variam. É uma sátira às escolhas pautadas unicamente em dados estatísticos. Os artistas procuravam trazer comentários acerca da natureza da democracia, populismo e opiniões políticas.

No fim, as obras provam que as pessoas nem sempre sabem o que preferem.

Referências:

ARTSY, Benjamin Sutton. **This Is America's Most Wanted Painting**. Disponível em: <https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-komar-melamid-americans-painting-thought-wanted>

Referência de Imagem:

ARTSY, Benjamin Sutton. **This Is America's Most Wanted Painting**. Disponível em: <https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-komar-melamid-americans-painting-thought-wanted>

Independent Curators International. **The People's Choice Curated by Komar & Melamid**. Disponível em: <https://curatorsintl.org/exhibitions/8895-the-people-s-choice>

KOMAR, Vitaly; MELAMID, Aleksandr. **Painting by numbers: Komar and Melamid's scientific guide to art**. Univ of California Press, 1999.



Figura 03 – “The People’s Choice” ou “The China’s Choice”
Tradução livre: “A Escolha das Pessoas” ou “A Escolha da China”, foto da Instalação. Museum of Art and History at the McPherson Center, USA, Santa Cruz, 2001

QUARTO

PEDRO TONIM - ENGENHARIA AMBIENTAL UNICAMP

Existe um quarto
Onde dominam a paz e o medo
A possibilidade de ser
Reduzida a um cativoiro
As tentativas de permanecer
Reduzidas a tortura
As tentativas de sair ou entrar
Reduzidas a fios invisíveis
Que se rompem
Antes de conectarem

Existe um quarto
Em que alguém canta
Em silêncio
Dança
Com as luzes apagadas
Escreve
Textos que não existem
Lê
Apenas o que escreveu
Chora
Apenas o suficiente para tentar
ser ouvido

Existe um quarto
Onde a tinta está descascando
Onde a porta está prestes a
quebrar
Onde as paredes estão fracas
Será isso uma maldição ou uma
benção?

Existe um quarto
Onde os cobertores não
parecem mais confortáveis
Onde o calor não esquenta tanto
quanto antes
Onde a música, a dança
Os textos e os livros
Perderam o sentido
Pois só são interpretados
E não transmitidos

Será que existem outros quartos?

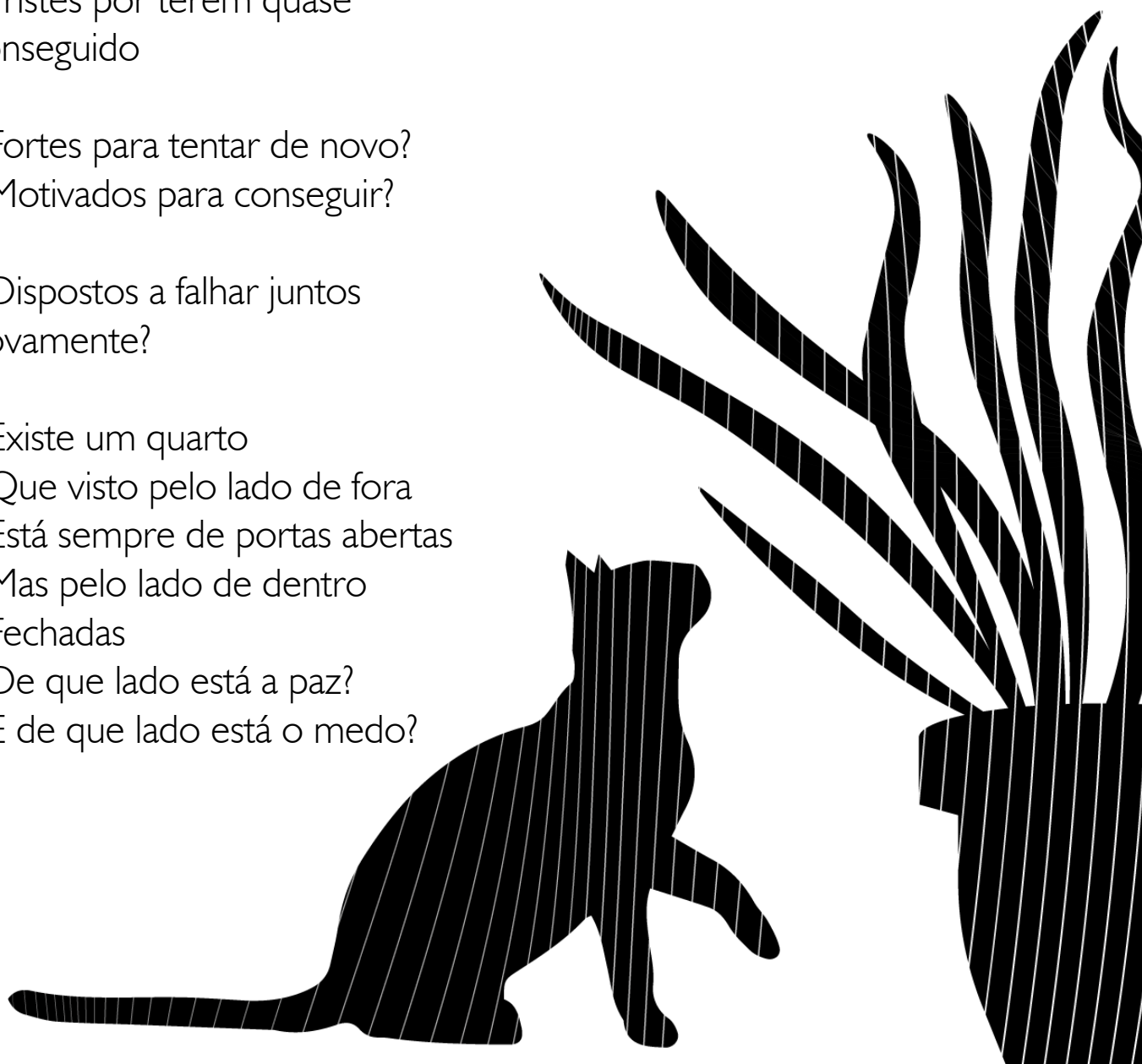
Em que todos seguram as mãos
Enquanto cantam, dançam,
escrevem e leem
Em que todos se abraçam
Enquanto as batidas começam
E enquanto as paredes
desmoronam

Felizes por terem tentado
Tristes por terem quase
conseguido

Fortes para tentar de novo?
Motivados para conseguir?

Dispostos a falhar juntos
novamente?

Existe um quarto
Que visto pelo lado de fora
Está sempre de portas abertas
Mas pelo lado de dentro
Fechadas
De que lado está a paz?
E de que lado está o medo?



PET CR

Almirante Barroso 1202, sala 312
Campus II – ICH • Pelotas/RS CEP 96.010-280

DIGITAL

<https://wp.ufpel.edu.br/crbensmoveis>
<https://conservacaoerestauero.wixsite.com/pet-cr>
<https://facebook.com/petconservacaoerestauoufpel>

CONTATO

petconservacaoerestauo@gmail.com



PET  Conservação e Restauro

BOLETIM

PET CONSERVAÇÃO E RESTAURO

